

24814

T-1066

REY
CLI 0262
SIST. 59379

14 de abril de 1949

MEIO DE SEMANA

Ora, nem só de futebol vive o homem. Há ambientes em toda a parte onde os assuntos são outros, e outros os interesses das criaturas que conversam e escrevem, pensam e discutem, imaginam e sonham, levadas pela curiosidade que é o vício fundamental do espírito, ou fascinadas pela visão que adquiriram do mundo. E a prova do que acabamos de afirmar se encontra cada manhã nos jornais, cada semana nas revistas, cada vitrina nas edições que acabam de aparecer ou voltam à tona dos livros em edições de roupa nova.

Contando ao acaso a presença das publicações francesas de literatura, por exemplo, ficamos admirados da quantidade de revistas de texto quase que puramente literário circulando em França e no mundo, publicações contendo ficção, ensaios, poesia, crítica extensa e muito séria pela profundidade dos temas abordados, toda a discussão perene que vai pelo espírito dos homens. Se a isso aliarmos o número de livros que aparecem com as mais ousadas tentativas em todos os terrenos da inteligência, sentiremos a existência de um clima mental saturado de interesse pelas coisas realmente fundamentais da vida. Esse clima que de vez em quando sentimos necessidade de respirar para ficarmos um momento em contato com o pensamento contemporâneo, e retomarmos pé nessa espécie de silencioso clamor do espírito que parece existir em todas as bibliotecas do mundo, como a ressonância do mar no rochedo das ilhas.

Foi esse *Diário Crítico*, de Sérgio Millet, que acaba de parecer em seu quinto volume numa edição Martins de São Paulo, que determinou nossa divagação em torno dos livros, revistas, idéias, e contradições, tão chegadas à vida pela natural aliança entre esta e as filosofias, embora nenhuma doutrina exerça sobre a vida tirania maior que a da própria existência. Foi o turbilhão de idéias, de pontos de vista, de posições políticas e filosóficas existentes nesse volume do escritor paulista que nos levou a pensar na riqueza do mundo do pensamento quando este extravasa do silêncio estudioso dos gabinetes para o

debate amplo dos rodapés dos jornais, para a duração mais longa do livro, acendendo em outras inteligências o desejo de conhecer ou discutir. E é justamente essa a função do crítico, a de provocar o debate, a de trazer para a controvérsia os assuntos que se examina e analisa. Talvez lidas apenas nas folhas em que apareceram, de semana em semana, essas páginas de Sérgio Millet não provocassem a mesma impressão de riqueza intelectual, de relação unânime com as mais notáveis correntes de idéias, de lucidez de pontos de vista do autor que se coloca numa posição de receptividade simpática e de exame imparcial. Talvez só enfeixadas em livro essas páginas revelem, como agora acontece, a capacidade de visão do autor, e seu poder de provocar interesse pelos temas que aborda, pelos livros que examina, pelas idéias que sugere e disseca com uma agilidade amadurecida de experimentado devorador de bibliotecas modernas. Que contraste entre essa cultura ecumênica e os comentadores de livros que pararam em Anatole, nada conhecem deste ansioso mundo moderno, e julgam homens, coisas e pensamentos pelas velhas medidas dos tempos mortos, e já sem significação nesta hora!

O livro de crítica do poeta de *Valsa Latejante*, justamente por ser a conseqüência da visão universal de um poeta, tem a virtude de um catalisador. Provoca a viva curiosidade pelos assuntos e escritores tratados anima com ardor e desejo de conhecer, coisa de que tanto necessitamos, essa curiosidade mental, esse convívio com as idéias, essa unanimidade com o mundo do pensamento que tanto enriquece a vida.